

O PENSAMENTO CRÍTICO E A MORTE DO SUJEITO

ARMANDO CORREA DA SILVA

Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Neste texto discuto a situação do pensamento epistemológico nas Ciências Sociais. O pós-modernismo sugere que o pensamento crítico tornou-se apenas linguagem. É como dizer a fala fala. Nesse contexto não há como negar a existência de uma crise. Essa crise não é uma crise técnica, científica ou profissional. É certo que a Geografia ainda possui paradigmas, dos quais os mais consistentes parecem ser a "formação sócio-espacial" e os "geosistemas". No entanto, algo acontece ao nível da gnoseologia: qual a situação da consciência em relação às ciências sociais, inclusive a Geografia?

Tomo aqui a afirmação de Milton Santos de que a Geografia é uma ciência do espaço e social. Mas, a crise do pensamento crítico, nestas condições (inclusive a problemática de uma epistemologia da Natureza) põe-se como um debate sobre a modernidade dessa ciência, que na concepção do autor citado põe-se como um raciocínio que chega ao limiar do que Habermas refere como pós-vanguarda.

Não se trata também, nestes escritos, de uma possível crise do marxismo, como o demonstram os trabalhos de Harvey, Soja, Frederic Jameson, Mike Davis e outros.

A NOÇÃO DE CRISE

Tomo crise como um estado de dúvidas e incertezas. Portanto, entro no âmbito da afirmação de Lyotard quando argumenta com o fim do historicismo (não da História) e, com isso com a idéia de uma problemática, que está presente na maioria dos autores pós-modernos, à esquerda ou à direita, ou seja, há uma relação entre a sensibilidade atual e as certezas presentes no Iluminismo. Ou seja, a crise a que me refiro atinge a dessubstancialização das concepções de razão e de sujeito.

O ponto de inflexão pode ser considerado o que Jameson, marxista e pós-moderno, denomina "presente perpétuo", ao criticar a tese de Fukuyama do "fim da história". Isto é, algo mudou no plano da cultura a ponto de talvez se tornado irreversível. É claro que isto diz respeito mais do que a valores: o próprio inconsciente e a mente vazia são atingidos.

Em outras palavras: alguma coisa aconteceu com as noções de passado e futuro, que tornam problemática a noção de presente.

Einstein dizia que "Deus não joga dados com o Universo", afirmação essa que está sendo posta em dúvida, não só pela Física, mas pela Filosofia. Quero dizer que a indeterminação tornou-se parte de nosso cotidiano, quando o

acaso, ou as circunstâncias, tornam-se hiper-reais, seja como sincronismo ou simulação no computador.

Dai, não a crise do pensar moderno, mas a relacionalidade dos eventos, agora mais como o ver e sentir do que como racionalidade comandada pela pequena lógica ou pela Grande Lógica (leia-se Hegel).

A aceleração do tempo interfere na distância entre os objetos e as pessoas, alterando em consequência as relações entre os corpos que, dizia Leibniz (revalorizado por Harvey), eram a condição de existência do espaço.

Ora, isto supõe uma nova situação da conexão universal dos eventos para além das formulações, seja de Newton ou de Einstein e Infeld.

Por isso, um estado de dúvidas e incertezas, quando se pensa a Terra como algo em movimento em direção a algum lugar do espaço. Para onde movimenta-se nossa galáxia, num universo de milhões delas, como o demonstra o telescópio Hubble?

Há, aqui, um tema a discutir: quem agora está vivendo o tempo e o espaço da gravitação e quem está vivenciando as novas espacialidades e temporalidades determinadas pelas dúvidas e incertezas?

Qual a noção de crise que reflete a ausência de categorias, de conceitos, de paradigmas?

Este talvez seja o ponto: a abstração (dedução, indução), norteadoras da modernidade científica, defrontam-se com um postulado, quando a ciência argumenta que nada

esta no pensamento que não esteja primeiro no real (entendido ontologicamente).

O que ocorreu na realidade (categoria da lógica) que permitiu a Jameson falar em "presente perpétuo"? Sabe-se que, seguindo a tese de Ernest Mandel, considera que estamos vivendo o terceiro estágio de desenvolvimento do capitalismo, numa situação que é afirmada como tardia.

Trata-se, então, de uma afirmação moderna que é definida dentro do próprio pós-modernismo. Desse modo, Jameson tenta, a meu ver, o impossível, ou seja, conciliar o mutável com o eterno e imutável, que é o argumento de Harvey.

Se raciocinarmos com a contradição, resulta daí a situação anterior de dúvidas e incertezas, como o significado atual de crise, ou seja, um estado caracterizado por Rouanet como o "mal estar na modernidade" (um iluminista) e por Ann Kaplan como o "mal estar no pós-modernismo" (uma feminista).

Bem, é preciso considerar que a permanência de um estado de dúvidas e incertezas caracteriza um momento da história humana que já possui, ele próprio, uma história.

Assim, a crise formula-se como algo que tende a ser permanente (não se trata da tese de Trotsky), ou seja, estar em crise significa ser contemporâneo.

Daí, que a mentalidade moderna, que se apóia na razão, tem que admitir a não-razão (como já se admite o não-

trabalho), e, com ela, não só o pós-modernismo, como o além do pós.

Ontologicamente isto significa que o ser está continuamente se transformando no não-ser, mas sem teleologia. Não considerada a idéia de que o real tem um sentido (a modernidade trabalhou esse tema e o continua fazendo), talvez seja possível concluir que a incerteza é, por definição (desde o começo do século XX) o modo de por-se a incoerência como método (o que o anarquismo tentou fazer).

O PENSAMENTO CRÍTICO

A questão remonta à história da modernidade. Lembro aqui a polêmica de Marx com os ideólogos alemães quando a crítica esgotou-se na crítica da crítica crítica, início da polêmica como forma de argumento, tomando da Revolução Francesa os anátemas de esquerda, centro direita.

A referência é feita apenas para lembrar que a denúncia, que é uma modalidade de crítica, esgota-se como tentativa de superar o ideológico e a falsa consciência.

E possível afirmar, agora, que o pensamento crítico (não só o de Marx, mas de toda modernidade) é o esteio da formação dos paradigmas, pela esquerda e pela direita.

Ora, a pós-modernidade recusa os grandes relatos (veja-se ainda Lyotard) que, ultrapassados pelo hiper-real (de que a realidade virtual é um exemplo), terminam por destruir o signo e, com ele, a consciência objetivada que

aponta para o pensamento baseado em um método. (A propósito veja-se Baudrillard).

Isto não se passa sem conseqüências. Uma delas é a fragmentação do saber (com alguma relação com a exarcebação da divisão intelectual do trabalho) e de sua lógica. Põe-se a articulação das partes e do todo de modo transparente mas através da desconstrução (E o caso de Derrida), debatendo-se com a figuração, pois a forma é já conteúdo, como o demonstra a Fenomenologia.

Daí, que a busca da essência dos fundamentos (Veja-se Heideger) depara-se com a não-forma, explicitação simbólica do pós-modernismo (principalmente na Estética), e que vai terminar no vazio, o nada, ou seja, a abstração como ausência de sentido. A morte do sujeito?

Destruído o sujeito, ou dessubstancializado, o mundo aparece às pessoas (os sonâmbulos de Yves Lacoste?) como imagem. Então, a força da tela, instrumento de composição do simulacro como TV, telão, o visor do computador, o video-cassete etc.

O pensamento crítico entra em crise pois o referente e o denotativo são impostos por um imenso aparato transmitido via satélite pela ação de governos e firmas transnacionais que fogem ao controle das pessoas, definindo o que Milton Santos denomina de perversidade, que não obstante tem uma lógica: a lógica do capital invisível e flutuante.

Dito de outra forma: o capital financeiro ganhou autonomia, contrapondo-se às modalidades tradicionais de acumulação.

O pós-modernismo é a expressão estética de um mundo conformado segundo os requisitos de uma certeza pragmática (Veja-se, por exemplo, Rorty) que representa na colagem, na performance, no happening os meios de detonar a sociedade do desejo.

A CRISE DO PENSAMENTO CRÍTICO

O futuro do futuro só se põe como metáfora, pois não revela a continuidade da mente programada. Como disse antes, tudo parece resumir-se à fala efêmera. Daí, talvez, algum interesse pela hermenêutica dos pós-estruturalistas que é uma imagem (leitura) de diversas falas, consubstanciando a pobreza da ideia (o termo colado ao objeto), ou seja, caracterizando uma realidade apenas funcional, no limite, a automação.

A crise do pensamento crítico esvai-se no politicamente correto, que anula a diferença, o contraste, o conflito, a luta, o dissenso, tentando anular a desrazão da barbárie

PROBLEMATIZANDO A CRISE NO COTIDIANO

A competição neo-liberal não é mais a "mão invisível": nada mais visível que o desemprego estrutural tecnológico, que é uma questão social que redefine as estratégias do grande capital.

Os resquícios da ética moderna (e a polícia) impedem a eclosão dos excluídos, ou, a impedem a um custo alto.

As nacionalidades e as etnias atritam o processo de globalização, aparentemente sem êxito, apesar da existência de inúmeros conflitos, alguns deles dramáticos.

A mundialização produz as máscaras inodoras e assépticas da mídia.

Para onde caminha a sociedade global em formação e como ela é teorizada?

Há muitos exemplos desse impasse. Cito dois: o "Colapso da Modernização" de Kurz e o "Teorias da Globalização" de Ianni.

ESTÁ TUDO BEM

Em Havana, Cuba, Milton Santos disse uma coisa que me soou bem. Falou na coragem da festa.

A festa, porque reconstitui a individualidade solidária é uma forma de protesto, na desconstrução da consciência morta que se torna viva na relacionalidade dos afetos que nascem da espontaneidade. A alegria do encontro e dos reencontros ultrapassa o medo do presente

Na verdade, como consegui escrever tudo isto?

Pinheiros, 05 de maio de 1996